

FICÇÃO CIENTÍFICA E FICÇÃO ESPECULATIVA EM *ORYX E CRAKE*, DE
MARGARET ATWOOD

*SCIENCE FICTION AND SPECULATIVE FICTION IN ORYX AND CRAKE, BY
MARGARET ATWOOD*

Michelly Bottega ¹

Mariese Ribas Stankiewicz ²

RESUMO: Este artigo tem por finalidade explorar o mundo ficcional de *Oryx e Crake* (2004), de Margaret Atwood, analisando os elementos que o tornam pertencente ao gênero de ficção científica e ao subgênero de ficção especulativa. Para que essa análise seja possível é importante ressaltar as características e o percurso histórico da ficção científica enquanto gênero literário, assim como a ficção especulativa. *Oryx e Crake* é uma narrativa distópica e decadente centralizada na usurpação do poder do Estado por empresas tecnológicas.

Palavras-chave: ficção científica; ficção especulativa; percurso histórico; Margaret Atwood; narrativa distópica.

ABSTRACT: This article aims to explore the fictional world of Margaret Atwood's *Oryx and Crake* (2004) by analyzing the elements that make it a part of the science fiction genre and the subgenre speculative fiction. For this analysis, it is important to highlight the characteristics and historical course of science fiction as a literary genre, as well as speculative fiction. *Oryx and Crake* is a dystopian and decadent narrative centered on the usurpation of state power by technology companies.

Keywords: science fiction; speculative fiction; historical course; Margaret Atwood; dystopian narrative.

¹ Mestranda, UTFPR.

² Professora Doutora em Letras, UTFPR.

1. INTRODUÇÃO

Por meio da literatura de ficção científica, notam-se diversos veios de caracterização do gênero, como mundos paralelos, viagens espaciais e intergalácticas, futuros pós-apocalípticos — que são, em sua maioria, catastróficos para a Terra — a descoberta de novos planetas com condições habitáveis para os seres humanos como, por exemplo, Marte etc. Além disso, algumas características pertinentes ao gênero surgem intituladas como subgêneros ou até reconhecidas como novas versões da ficção científica (doravante, FC). Entre elas está a ficção especulativa, que responde tanto à terminologia de subgênero da FC como um substituto para o próprio gênero, tudo depende do ponto de vista crítico. Este trabalho não tem o intuito de defender terminologias, mas explorar e trazer ao leitor um pouco da história da FC e da ficção especulativa.

A ficção especulativa trabalha com questões distópicas em sociedades decadentes, especulando quais rumos o mundo pode tomar e o que pode acontecer com tudo aquilo que lhe pertence, incluindo quem o habita. Segundo Laura Hildebrand (2012), “os mundos futuros apresentados em ficções especulativas são invariavelmente o resultado de extrapolações ou acelerações das atuais tendências sociais e políticas” (HILDEBRAND, 2012, p. 03; tradução nossa).³

Entre os elementos especulatórios do gênero, do ponto de vista literário, destacam-se narrativas e produções cinematográficas que, muitas vezes, tornam-se ícones da literatura ou do cinema como *Jornada nas Estrelas* (1966), *Blade Runner* (1982), *Eu, Robô* (2004) e *O Homem Bicentenário* (2000), entre outros. Margaret Atwood, em seu romance *Oryx e Crake* (2004), utiliza da ficção especulativa para tratar de um mundo decadente e distópico cujo presente é uma catástrofe absoluta. Os

³ No original: “the future worlds presented in speculative fictions are invariably the results of extrapolations or accelerations of present social and political trends.” (HILDEBRAND, 2012, p. 03).

personagens dessa sociedade distópica lutam contra as poderosas empresas tecnológicas e farmacêuticas, que dominam o sistema. A degeneração do mundo é um dos muitos pesadelos abordados na trama.

Explorando os termos literários e classificatórios como gêneros, ficção científica e ficção especulativa precisam ser definidas. Contudo, é importante lembrar que muito foi acrescentado e modificado ao longo do tempo no que se refere a definições, pois a linha cronológica não para e a criatividade, muito menos. Não obstante, a própria Atwood, em seu livro *In Other Worlds — SF and the Human Imagination* (2011), descreve a ficção científica como algo impossível de acontecer. Por outro lado, ela fala que a ficção especulativa está mais próxima da realidade e é algo que pode acontecer. Por isso, ela mesma classifica seus romances como sendo de ficção especulativa (ATWOOD, 2011, p. 06). Apesar disso, de certa forma, Atwood sempre se esgueira de rótulos no que diz respeito a suas obras. A autora prefere dizer que suas narrativas *O conto da Aia* (1985), *Oryx e Crake* (2003), *O Ano do Dilúvio* (2009), *MaddAddam* (2013), *O Coração é o Último a Morrer* (2015) e, o mais recente, *Os Testamentos* (2019), que é a continuação de *O Conto da Aia*, são narrativas de cunho especulativo e não científico, eliminando assim, para a própria autora, a ficção científica como gênero que define essas obras.

Em vista disso, este artigo trata de algumas considerações sobre a ficção científica e sobre a ficção especulativa, no intuito de melhor observar em especial a obra *Oryx e Crake* (2004) de Atwood. Por isso, o objetivo central deste artigo está em articular por meio de análise do texto narrativo de Atwood as diversas temáticas que versam tanto sobre a ficção científica quanto sobre a ficção especulativa, entendendo que a ficção científica pode ser encontrada no meio tecnológico enquanto a ficção especulativa é compreendida por sua função. Nesse âmbito, as temáticas relevantes para análise estão relacionadas à sociedade da narrativa e à maneira como ela está inserida no cenário apocalíptico e pós-apocalíptico.

2. CAMINHOS TEÓRICOS DA FICÇÃO CIENTÍFICA E DA FICÇÃO ESPECULATIVA

No século XIX, a FC como gênero começa a tomar forma. A obra marcante desse século para se referir ao início da FC é *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley. Esse romance é um marco importante para a ficção científica pois, ao descrever uma criatura monstruosa, tem-se o elemento tecnológico e científico que possibilitou o feito. Além disso, *Frankenstein* é muito lembrado por sua natureza gótica.

O caminho de narrativas de especulações levou ao século seguinte (XX) a era das revistas, que foi destaque entre 1926 e 1960, popularizando os romances de ficção científica nos Estados Unidos. A primeira revista com intuito totalmente voltado para a FC chamava-se *Amazing Stories* e foi fundada, em 1926, por Hugo Gernsback. Outras revistas anteriores e paralelas a *Amazing Stories* continham narrativas de FC e outros gêneros. Essas revistas passariam a ser chamadas *Pulp Magazines*.

Ao decorrer do século, o cenário literário da época de 1960 e 1970 estava passando por transformações tanto no campo literário quanto social. E é nesse período que surge na FC a *New Wave*, trazendo um novo formato para o gênero:

[o]s escritores da *New Wave* — e aqueles que se inscrevem como veteranos de meia-idade, como Philip José Farmer — adotaram, como modelo, narrativas carregadas de subjetividade engenhosa, mesmo quando, como nas construções remotas de Ballard, a personalidade parecia voluntariamente negada. Desde o início, era impossível errar. ‘[...] Muitas coisas o preocuparam durante esse tempo no sol: a plasticidade das formas, o labirinto da imagem, o platô catatônico, a necessidade de remarcar o SNC, as afirmações pré-uterinas, o absurdo, isto é, a fenomenologia do universo...’⁴ (BRODERICK *apud* JAMES; MENDLESOHN, 2016, p. 56; tradução nossa).

⁴ No original: “New Wave writers — and those signing up as established middle-aged veterans, such as Philip José Farmer — took, as their model, narratives drenched in artful subjectivity, even when, as in Ballard’s remote constructs, personality seemed wilfully denied. From the outset, it was impossible to mistake Ballard’s dry voice and curious obsession: ‘[...] Many things preoccupied him during this time in the sun: the plasticity of forms, the image maze, the catatonic plateau, the need to

Contemplando a fenomenologia do universo, outro autor dessa nova onda foi muito afortunado em suas escolhas estilísticas: Philip K. Dick, notório escritor de FC, lembrado por títulos como *Do Androids Dream of Electric Sheeps?* (1968), que em 1982 recebeu uma adaptação cinematográfica intitulada *Blade Runner*. Dick foi um escritor que envolveu FC e realidade em suas obras, sempre propondo um mundo decadente dominado por inteligência artificial, seres andrógenos e humanos que pouco diferem entre si.

Outro romance de renome dessa época é *Neoromancer* (1984), de William Gibson, que parece entender e fazer conexão com a realidade virtual que o mundo começa a experimentar. Seu romance é considerado o primeiro da categoria *cyberpunk*, um termo cunhado pelo escritor de FC Bruce Bethke. O romance de Gibson serviu de embasamento para a trilogia de filmes *The Matrix* (1999), *The Matrix Reloaded* (2003) e *The Matrix Revolutions* (2003), todos produzidos por Joel Silver e dirigidos pelas irmãs Wachowski. O mundo desses filmes se passa em uma realidade virtual que é conduzida por uma inteligência artificial. Esta lidera uma colônia de seres humanos entubados e vivendo em um simulacro, que é oferecido pela *Matrix* no filme como um ambiente limpo, saudável e bom para viver. Contudo, a realidade é o oposto disso. Essa característica traduz o que é o *cyberpunk* e o ciberespaço:

[...] William Gibson criou a metáfora profunda do ciberespaço em *Neoromancer* (1984). Gibson era notoriamente ignorante em relação à tecnologia dos computadores e, certamente, não trabalhou em um deles quando escreveu o romance; sua seleção de uma versão narrativa do interior do mundo da informação era essencialmente um golpe literário: o ciberespaço é uma metáfora literária de brilho muito considerável, e se o mundo de 2003 lembra em certa medida o mundo que ele criou — e se os escritores em seu uso obsessivo de imagens contrafactuais de *downloads* parece ter traduzido essa metáfora em um artigo de fé — então é porque o mundo e os escritores que articulam o mundo

re-score the C.N.S., pre-uterine claims, the absurd, i.e., the phenomenology of universe...” (BRODERICK apud JAMES; MENDLESOHN, 2016, p. 56).

imitaram Gibson. Certamente não é o contrário: Gibson, por seu próprio testemunho, era muito incompetente para imitar o mundo.⁵ (CLUTE *apud* JAMES; MENDLESOHN, 2016, p. 72; destaque no original, tradução nossa).

Foi nesse mesmo contexto de mudança que a *New Wave* proporcionou ao mundo literário que a ficção especulativa ganha espaço na literatura. Os termos ficção científica e ficção especulativa causam, por vezes, confusão em relação à sua terminologia e diferenciação. Isso ocorre porque alguns críticos tratam as duas ficções como paralelas uma à outra, enquanto outros afirmam que a ficção especulativa é um subgênero da FC e, ainda, há os que a descrevem como sendo um termo utilizado para se referir à própria FC. Então, a fim de esclarecimento:

O termo 'ficção especulativa' tem três significados historicamente localizados: um subgênero de ficção científica que lida com problemas humanos e não tecnológicos, um gênero distinto e oposto à ficção científica em seu foco exclusivo em futuros possíveis, e uma super categoria para todos os gêneros que deliberadamente partem da imitação da 'realidade consensual' da experiência cotidiana.⁶ (OZIEWICZ *apud* GADPAILLE, 2018, p. 20; tradução nossa).

Dessa forma, é importante entender que a ficção especulativa pode ocupar qualquer uma das três categorias acima citadas. Neste artigo, o termo pode ser encontrado como subgênero da FC. Ainda, sobre a forma da ficção especulativa, Roberto Causo, em seu livro *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*,

⁵ No original: “[...] William Gibson created the profound metaphor of cyberspace in *Neuromancer* (1984). Gibson was notoriously ignorant of computer technology, and certainly did not work on one when he wrote the novel; his sorting of a storyable version of the inside of the world of information was essentially a literary coup: cyberspace is a literary metaphor of very considerable brilliance, and if the world of 2003 in some ways resembles the world he created — and if its writers’ obsessional use of counterfactual images of downloading seems to have translated that metaphor into an article of faith — then it is because the world, and the writers who articulate the world, have imitated Gibson. It is surely not the other way round: Gibson, by his own testimony, was too incompetent to imitate the world.” (CLUTE *apud* JAMES; MENDLESOHN, 2016, p. 72).

⁶ No original: “The term ‘speculative fiction’ has three historically located meanings: a subgenre of science fiction that deals with human rather than technological problems, a genre distinct from and opposite to science fiction in its exclusive focus on possible futures, and a super category for all genres that deliberately depart from imitating ‘consensus reality’ of everyday experience.” (OZIEWICZ *apud* GADPAILLE, 2018, p. 20).

fala que “[...] uma grande parte da ficção especulativa descende do *scientific romance* à moda de H. G. Wells e de Jules Verne, contemporâneo do surgimento do romance realista e naturalista, no século XIX [...]” (CAUSO, 2003, p. 37).

Sempre que os nomes de Verne e Wells são lembrados em relação à FC, deve-se ter em mente que esses autores imprimiram um estilo de escrita um pouco distinto dos demais escritores de FC de sua época. Fato é que seus estilos dialogam com mais concordância com o estilo da ficção especulativa, que busca entender a sociedade ficcional das narrativas por meio da referência de problemas da humanidade em decorrência do uso indevido da tecnologia. Contudo, deve-se, também, entender que as características contundentes da ficção especulativa nas narrativas desses autores abrem espaço para elementos da própria FC; por isso, são lembrados e aclamados pelos dois campos de estudos literários em questão.

Diz-se isso pois a ficção científica, de certa forma, utiliza o que a natureza e o mundo humano lhe fornecem para sua criação. Não obstante, os textos de ficção científica geralmente dispõem do desenvolvimento tecnológico e o projetam em um futuro próximo ou distante. Claro que se entende que elementos da ciência são anexados ao corpo do texto literário para a formação de uma obra característica do gênero. Contudo, alguns escritores foram assertivos em descrever em suas narrativas algumas criações possíveis da ciência e da tecnologia e são chamados de profetas da desgraça, “[...] Asimov credita aos escritores do gênero a previsão em primeiro lugar não apenas do potencial da bomba atômica, mas também suas vastas implicações [...]”⁷ (URBANSKI, 2007, p. 26)”. Isaac Asimov, ao se pronunciar sobre a bomba nuclear que devastou Hiroshima deixando apenas poeira em seu entorno, fez com que o entendimento sobre a ligação entre o gênero de FC se tornasse respeitável. Diz-se isso com pesar pois, em relação à guerra, foi por meio da FC que a premonição de uma

⁷ No original: “[...] Asimov credits the genre's writers with being the first accurately foresee not only the potential the atomic bomb but also its vast implications as we [...]” (URBANSKI, 2007, p. 26).

guerra nuclear chegou ao público muito antes da notícia catastrófica da bomba ter caído em agosto de 1945.

Narrativas que mostram os medos e pesadelos da sociedade em relação à tecnologia e à ciência, que exprimem o curso travado contra ou a favor daquilo que a ciência está provendo para que o porvir seja menos catastrófico possível. Por isso, Urbanski, em seu capítulo sobre a guerra nuclear, argumenta que:

[q]uando esta precipitação cultural afundou, a ficção especulativa, [...] substituiu ‘futuros utópicos, que haviam prevalecido antes da guerra... (com) projeções distópicas da ciência que deram errado’ apresentando ‘imagens de um futuro sem futuro e repleto de desastres (que) estabeleceram algumas de suas raízes mais profundas na consciência popular nos anos 1960 e 1970’ [...] voltando ainda mais longe, M. Keith Booker descreve a América dos anos 1950 como ‘a Idade do Ouro do medo nuclear’, um medo que a ficção especulativa reflete claramente.⁸ (URBANSKI, 2007, p. 27; tradução nossa).

A ficção científica representa a obtenção do poder em todas as esferas sociais e a ficção especulativa se refere aos pesadelos culturais. Por isso, a bomba nuclear de Hiroshima foi tão importante para o contexto literário de ficção especulativa que a “[b]iografia anotada de Brian de 1987, *Nuclear Holocausts: Atomic War in Fiction*, de 1895 a 1984, incluiu mais de 400 trabalhos em prosa sobre armas atômicas publicadas em inglês desde 1960”⁹ (URBANSKI, 2007, p. 27; tradução nossa). Desde então, o contexto literário da FC mudou para mundos distópicos e caóticos com futuros sem futuros, trabalhados muito mais no campo da ficção especulativa do que apenas no foco tecnológico fornecido pela FC em si.

⁸ No original: “As this cultural fallout sunk in, speculative fiction, Ross argues, replaced ‘stream-lined, utopian futures that had prevailed before the war ...[with] dystopian projections of science gone away’ featuring ‘disaster-ridden imagery of a future-less future [that] establish [ed] some of its deepest roots in popular consciousness and popular culture in the 1960s and 1970s’ [...] Going back even further, M. Keith Booker describes 1950s America as ‘the Golden Age of nuclear fear’ [...], a fear speculative fiction clearly reflects.” (URBANSKI, 2007, p. 27).

⁹ No original: “Brian’s 1987 annotated biography, *Nuclear Holocausts: Atomic War in Fiction*, 1895-1984, includes more than 400 prose works dealing with atomic weapons published in English since 1960.” (URBANSKI, 2007, p. 27).

3. *ORYX E CRAKE* E AS FICÇÕES CIENTÍFICA E ESPECULATIVA

O romance de Atwood, *Oryx e Crake* (2004) permite interpretações a partir dos gêneros de ficção científica e especulativa. Por outro lado, para Atwood, essa narrativa é de ficção especulativa e não ficção científica, pois a autora resiste fortemente à ideia de ligar essa obra com a FC. A questão do futuro próximo em *Oryx e Crake* revela que o tema tecnologia apresentado na trama está a cada passo mais perto da realidade contemporânea externa aos livros, por isso Atwood declara sua narrativa um romance de cunho especulativo, encaixando-se no subgênero de ficção especulativa. A biotecnologia, o poder sucumbido nas mãos de poucos sem participação efetiva de um governo estatal, a divisão da sociedade, a ética corrompida, todos são temas que levam à ideia de que a obra em questão conversa muito mais com possíveis futuros apocalípticos para o mundo do que com uma viagem intergaláctica, uma das características que leva ao entendimento da FC. A escritora declara:

[P]ara mim, ‘ficção especulativa’ significa enredos que descendem dos livros de Jules Verne sobre submarinos e viagens de balão e coisas que realmente poderiam acontecer, mas que não aconteceram completamente quando os autores escreveram os livros. Eu colocaria meus livros nesta segunda categoria: não Marcianos.¹⁰ (ATWOOD, 2011, p. 06; tradução nossa).

Essa é a visão da autora que, talvez pelo fato de suas narrativas não contemplarem um mundo absurdamente diferente da realidade do mundo referencial, prefira a especulação, que significa algo, de certa forma, possível. Contudo, a partir do aporte teórico registrado nos itens anteriores sobre ficção científica e ficção

¹⁰ No original: “[...] for me, ‘speculative fiction’ means plots that descend from Jules Verne’s books about submarines and balloon travel and such-things that really could happen but just hadn’t completely happened when the authors wrote the books. I would place my books in this second category: no Martians.” (ATWOOD, 2011, p. 06).

especulativa, entende-se que a visão da autora ao relacionar *Oryx e Crake* a um contexto totalmente voltado para a ficção especulativa vem de uma das três categorias a que a ficção especulativa pode pertencer, especificamente, a que se opõe à FC em si por representar futuros possíveis. Deste modo, não restam dúvidas de que o romance de Margaret Atwood *Oryx e Crake* (2004) pertence tanto ao gênero de FC quanto ao de ficção especulativa e isso pode ser verificado conforme a análise a seguir.

Alguns fatores corroboram para a análise desse mundo distópico de *Oryx e Crake*. Primeiramente, o cenário, onde a ficção especulativa pode ser extraída em sua essência. Em segundo plano, há o próprio Homem das Neves, no presente, e Jimmy, no passado, que discorre sobre o engajamento científico e altamente tecnológico que levou o mundo distópico de *Oryx e Crake* a se debruçar sobre uma catástrofe humana em um cenário pós-apocalíptico. Cenário este que é um personagem silencioso, que não tem falas, mas que o leitor compreende por meio de sua exposição vinda dos personagens. E, em terceiro, a observação de como a sociedade da trama se divide e como as pessoas vivem em uma inserção amoral. O governo não tem o poder do Estado e as grandes empresas farmacêuticas controlam o sistema na narrativa.

Oryx e Crake está cravado em um mundo central, comandado por grandes empresas detentoras do poder tecnológico e científico, enquanto a grande massa social vive às margens dos muros dos complexos inalando sujeira, contraindo doenças, esvaindo-se aos poucos, deixando rastros de podridão por onde passam.

Como a narrativa se passa entre um tempo presente e passado ao mesmo tempo, pode-se perceber a mudança do cenário por meio das falas de Jimmy, no passado, e do Homem das Neves, no presente. Quando lembrado pelo Homem das Neves, o cenário passado pode ser descrito como apocalíptico, em um estágio de pragas eminentes e decadência total. As pessoas vivem à margem do que ainda resta da Terra, com resquícios e escassez de recursos naturais. A Terra já não é produtiva e cultivável, e a água e o ar são poluídos. Esse sofrimento em que as pessoas vivem, em meio a pragas

e desordem, pode ser visto como um aviso para o que ainda pode acontecer, ou seja, todo ciclo precisa ser fechado e isso implica dizer que o apocalipse vivido pelos personagens ainda não se findou.

Por isso, podem-se observar sempre dois estágios recorrentes na trama: o passado, sendo visitado pelos olhos de Jimmy, e o presente, pelos olhos do Homem das Neves. Isso representa o ciclo de vida dos personagens, da sociedade, da Terra e do próprio cenário em questão, pois o Homem das Neves presencia tanto o momento apocalíptico da trama quanto o pós-apocalíptico. No seu presente, o Homem das Neves se depara com um mundo destruído pelas pragas propagadas pelo próprio ser humano, um mundo que não tem volta. Isso significa que aquele ciclo de vida está terminado e agora, no momento pós-apocalíptico, um novo ciclo deve ser iniciado. Esse ciclo tem um começo com a vida dos *crakers* e suas capacidades infinitas de viver em um cenário totalmente atípico e insolúvel para qualquer ser humano natural. Contudo, é importante entender que as capacidades desses novos seres humanos não são instintivas e nem de caráter adaptável, elas são geneticamente construídas por meio da biotecnologia e da ciência.

A tecnologia exposta em *Oryx e Crake* tem muito mais do mundo não fictício do que o leitor pode imaginar. A aposta de Atwood para esse romance foi para chamar atenção do receptor sobre as possíveis catástrofes humanas se providências não forem tomadas quanto ao uso excessivo e indevido da tecnologia. Por isso, o romance tem uma inclinação maior à ficção especulativa, mas sem deixar de pertencer à ficção científica também. Entende-se isso pois uma das características da ficção especulativa está em lutar contra o pesadelo em que a sociedade vive.

O mundo referencial sempre presenciou momentos de extrema dificuldade para que a prosperidade fosse possível; guerras, revoluções, conflitos sempre estiveram presentes na história da humanidade. O que se pode perceber é que esses momentos são gerados pelo homem, ou seja, uma força não natural, proposital, em detrimento de

algo maior, a sobrevivência. Contudo, o que leva o homem à luta nem sempre está ligado à sobrevivência. Por vezes, o desejo de poder é o que move os anseios humanos. O sentimento de posse é um fator que gera conflitos e faz com que lutas intermináveis aconteçam. Porém, essas lutas acabam ferindo muito mais do que o pretendido, a população em geral acaba sendo alvo, assim como o ambiente em que essa luta acontece.

A tecnologia em *Oryx e Crake* está em um nível muito avançado. A ciência pode imitar as formas naturais de vida desde a mais simples como um formigueiro e a mais complexa como um humano totalmente modificado geneticamente. Claramente, a narrativa de Atwood quer mostrar que a tecnologia é um dos grandes provocadores das catástrofes naturais que acontecem na trama. A falta de consciência humana ao realizar procedimentos que violam a vida em seu curso natural, conseqüentemente, tem efeitos devastadores para a humanidade e para a vida em comunidade.

A mãe de Jimmy, por exemplo, é uma cientista que vive nos complexos, mas que não consegue se encaixar nos padrões de vida exigidos por sua posição. Em certo momento, ao se cansar de fingir ser o que não é, ela acaba entrando em um fluxo depressivo e abandona o lar, deixando tudo para trás, inclusive seu filho. Essa passagem da narrativa é sempre lembrada por Jimmy, e mais tarde pelo Homem das Neves, em um contexto de abandono; contudo, quando visto por outro ângulo, pode-se identificar o real motivo de sua fuga. A ligação que a narrativa faz com as catástrofes naturais e biotecnológicas em relação à mãe de Jimmy serve para chamar a atenção do leitor para um cenário de fundo extremamente decadente e distópico. Tanto ela quanto o cenário são lembrados o tempo todo pelas memórias e pela vivência do Homem das Neves. A mãe, na realidade, fugiu para servir a algo maior, para tentar salvar o que ainda resta da Terra como ela é, lutando e protestando contra as empresas tecnológicas.

Pode-se dizer que a mãe de Jimmy representa a força da consciência em detrimento do fluxo natural da vida, ao contrário da maioria dos personagens expostos na trama que apenas seguem o fluxo proposto pelo poder de centro dos complexos sem questionar, aceitando que tudo está sendo feito por um bem maior. A partir disso, pode-se entender que a tecnologia que a narrativa apresenta se encaixa nas características da FC por representar progresso e mudança para a sociedade. Contudo, ao mesmo tempo, podem-se interpretar as consequências que essa tecnologia oferece como os pesadelos e medos sociais. Sendo assim, a ficção especulativa também está presente na trama, expondo como a sociedade e os personagens vivem e gerenciam os problemas trazidos pelo avanço tecnológico.

A tecnologia avançada apresentada na narrativa, sem dúvida alguma, clama a FC em forma. O cenário épico para esse futuro próximo é distópico e decadente. O Homem das Neves, que vive em seu presente pós-apocalíptico, conversa com seu eu passado, Jimmy, e relata como tudo aconteceu. A função da ficção especulativa entra nas falas de *flashbacks* do Homem das Neves, enquanto Jimmy retrata a sociedade decadente e as explorações biotecnológicas que cercavam o mundo antes da pandemia que dizimou a maioria da civilização humana. Jimmy cresceu vendo seu pai, cientista, desenvolver animais híbridos como os porcões, lobocães e guaxitacas com o propósito de garantir a continuidade da caminhada humana, uma vez que a biodiversidade paira somente nos livros de história.

Oryx e Crake é uma narrativa pós-moderna, sem dúvidas, e isso implica em dizer que a tecnologia da trama caminha com naturalidade junto à sociedade do romance. Ou seja, ao ler a narrativa, não existe uma quebra brusca quando se fala sobre os absurdos experimentos e criações científicas apresentados; tudo flui naturalmente como se esse nível de utilização da tecnologia e da ciência fosse natural e sempre tivesse estado lá. O único fragmento que se pode ver de não aceitação são os protestos

feitos contra as mudanças, dos quais a mãe de Jimmy participa. No entanto, esses protestos são sempre expostos na narrativa em segundo plano, sem importância.

A biodiversidade já não existe no enredo; fora extinta pelos homens e sua ganância em ter mais do que poderiam. Para que a população não passe fome e não caminhe rumo à extinção, os cientistas fazem experimentos desumanos com os animais. O caso dos porcos é um nítido exemplo de como a sociedade de *Oryx e Crake* vive, ou finge viver:

O objetivo do projeto porcão era cultivar uma variedade de tecidos de órgãos humanos, inteiramente seguros, em um incrível porco transgênico hospedeiro — órgãos que poderiam ser facilmente transplantados, sem rejeição, mas que também fossem capazes de resistir a ataques de micróbios e vírus oportunistas, que cresciam de número a cada ano. Um gene de amadurecimento rápido foi introduzido de modo que os rins e fígados e corações do porcão ficassem prontos mais depressa, e agora eles estavam aperfeiçoando um porcão que podia desenvolver cinco ou seis rins de cada vez. (ATWOOD, 2004, p. 31).

A representação das modificações genéticas que ocorrem na narrativa é o ponto ideal para a constatação da FC, em forma de potência tecnológica e da ficção especulativa, a partir das possibilidades futuras em decorrência desse avanço tecnológico. A aceitação do projeto “porcão” na trama de *Oryx e Crake* é um espelho do mundo referencial, externo ao texto. Essa referência concerne ao conhecimento contemporâneo sobre alimentos transgênicos e seu uso na alimentação mundial. Atwood ainda chama a atenção com esse projeto para o desenvolvimento de pesquisas e estudos avançados em relação à reprodução de órgãos humanos, assim como a própria reprodução humana inteiramente em laboratório. Sendo assim, a ideia de se ter órgãos disponíveis a qualquer momento da vida excita a jornada humana, pois não há com o que se preocupar: caso uma doença apareça, um transplante de órgão é possível, graças aos porcos.

O que se pode verificar a partir do excerto da narrativa é que ataques de vírus e micróbios estão crescendo a cada ano em um fluxo absurdamente incontrollável. Esse

ato leva a se pensar que não há como controlar a natureza, por mais que os cientistas da narrativa dispusessem do mais avançado campo de pesquisa científica e tecnológica, o fluxo natural ainda é mais forte. É o mesmo que dizer que a natureza é implacável e super-resistente; quanto mais se tenta dominá-la, mais ela se torna agressiva em resposta. O mais interessante em se analisar o excerto acima é entender nas entrelinhas que o momento descrito é uma memória do Homem das Neves, enquanto Jimmy no passado. Isso implica dizer que existe um fluxo inconsciente, porém, natural da jornada da vida do protagonista ao contar a história apocalíptica em que sua sociedade vive. Entretanto, Atwood (2004) procurou, em seu romance, fornecer pistas ao leitor de como seria inútil lutar contra a força da natureza biológica.

Se a sociedade está doente, é preciso uma alternativa para curá-la. É assim que medicamentos invasivos chegam ao mercado e continuam alimentando financeiramente os grandes complexos científicos. A sociedade de *Oryx e Crake* é viciada no bem-estar, só que de uma maneira abusiva e descontrolada. Os personagens medicam-se para tudo e o tempo todo. A grande sátira de *Oryx e Crake* vem do medicamento *BlyssPluss*, um oferecimento de energia e desempenho sexual envolvido em pílulas envenenadas. Elas são as responsáveis pelo extermínio da raça humana na narrativa. Um ato de humanidade dado por Crake, já que, para ele, a decadência da humanidade é definitiva.

Na terra dos plebeus, a exploração sexual de menores é explícita e muito praticada pelos mais afortunados que podem pagar por um corpo jovem e sadio. Crimes horrendos ocorrem entre becos e galpões abandonados e quartos de hotéis baratos cheirando a urina de rato. Porém, por trás dessas cenas repugnantes existe um teor de desespero que leva essas crianças a lugares assim. Pessoas muito pobres vendem seus filhos que são considerados bonitos, com atrativos físicos, para homens que aliciam o tráfico de menores. O motivo central é alarmante: a fome. A maioria da população em *Oryx e Crake* vive em situação precária e muito abaixo da linha da

pobreza e, sob a perspectiva de que seus filhos terão melhores oportunidades, acabam por vendê-los para alimentar os que ficam.

Essas temáticas, consideradas pesadelos e medos sociais pela ficção especulativa, com um teor muito próximo da realidade contemporânea do mundo referencial, são as que fazem de *Oryx e Crake* uma narrativa do subgênero. O romance especula o rumo da humanidade e do mundo em uma sociedade totalmente controladora e egoísta em prol do desenvolvimento tecnológico que deixa para trás o elemento vital para a construção de uma sociedade saudável. A engenharia de biotecnologia apresentada na trama desconsidera o fator da natureza e extrapola os limites, alterando a natureza humana com invenções antiéticas.

Russell B. Gill (2013), ao se referir à ficção especulativa, destaca alguns termos relevantes como desejos e medos, invenções transcendentais e criações idealísticas. Há três fatores em *Oryx e Crake* essenciais ao analisar na narrativa os aspectos mencionados. Primeiramente, a sociedade vive um momento pós-apocalíptico e isso imprime a ideia de luta entre desejos e medos, ideia essa que pode ser melhor entendida partindo do fato de que o desejo social é a melhoria de todos os setores da vida tanto pessoal quanto social. Ainda, o mesmo desejo que move os personagens em busca de qualidade de vida move os cientistas dos complexos a alcançar alternativas que possibilitem a continuação da vida na Terra. Contudo, o medo pode ser visto e interpretado pelas entrelinhas da narrativa, ou seja, ele não é explícito, pois se percebe o quanto a humanidade da trama sofre apenas pelos relatos dos personagens.

O medo de não conseguir prosperar ou ser suficiente para suprir os padrões exigidos pelo próprio contexto social é facilmente identificável. Oryx é uma personagem que, por meio da sua história de vida, é a representação, simultânea, do desejo e do medo. Quando pequena, vivia em algum lugar distante na Ásia, pobre e formado por vilas pequenas que pode ser descrito como um local esquecido por onde o progresso não passou. O medo dos cidadãos desse lugar é de que Deus realmente os

esqueceu e que suas vidas estão destinadas ao fracasso, sendo o sucesso algo totalmente distante e inalcançável. Por isso, muitos deles desejam uma vida diferente para seus filhos e, como mencionado anteriormente, vendem-nos para o tráfico de pessoas.

Dessa forma, a sociedade de *Oryx e Crake* oferece diversas fontes plausíveis para obter-se o entendimento da ficção científica e da ficção especulativa como linhas que se cruzam em determinadas temáticas. Cada uma das temáticas com sua forma e função distintas ou iguais que versam sobre o tópico central da tecnologia. Isso significa que, dependendo do ponto de vista de uma determinada temática, sua análise pode ser direcionada tanto para o entendimento da FC quanto da ficção especulativa.

4. CONCLUSÃO

Se a ficção especulativa procura compreender as possibilidades futuras e os problemas que a humanidade vive sem focar diretamente no quesito tecnológico, pode-se dizer que a narrativa de Atwood corresponde a esses aspectos. Dessa forma, percebe-se que, acima de tudo, os problemas sociais e de ordem natural são mais evidentes do que a tecnologia. Isso não significa que a tecnologia e a ciência ficam em um patamar mais baixo, apenas mostra como Atwood explora as possibilidades de um futuro distópico a partir do que a humanidade conhece.

A menção a *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, como divisor de águas para o gênero de ficção científica, levanta questionamentos quanto ao seu pertencimento ao subgênero de ficção especulativa também. O mesmo acontece com o romance *Oryx e Crake*: quando se analisam os seres humanos criados em laboratório, os *crakers*, observa-se a possibilidade comparativa com *Frankenstein*. Para que a criação seja possível, é preciso a ciência e a tecnologia em prol do avanço progressista da humanidade, representando a FC, enquanto a reflexão sobre as consequências dessa

criação é parte das teorias sobre ficção especulativa. Percebe-se que existe uma mescla entre as duas teorias que suportam a criação dos *crakers*, pois a FC pós-moderna se refere ao ser monstruoso como algo aceitável, mas ainda distinto. Ou seja, é possível verificar por entre as linhas do texto de Atwood que Crake não quer que sua criação seja substituta dos humanos: eles não são parecidos com o *Homo sapiens*, são totalmente inovadores. Por outro lado, a forma com que eles são inseridos no cenário decadente e pós-apocalíptico leva ao entendimento de que a aceitação desses seres na sociedade é natural, ou seja, característica da ficção especulativa que busca a compreensão do diferente.

Sendo assim, a sociedade de *Oryx e Crake* é extremamente opressiva, pois inferir que a perfeição pode ser alcançada é o mesmo que ultrapassar os limites da ética e da moral em detrimento da vontade individual. Dois pontos importantes que não podem ser ignorados são a opressão e a tirania. Primeiramente, o sistema, no enredo, é corrompido e está nas mãos apenas de poucos que não se importam com os demais seres humanos da sociedade. Já o segundo ponto está ligado ao personagem Crake, que pode ser interpretado como um tirano, mas, ao mesmo tempo, apenas segue os passos da sociedade e do progresso fechando os olhos para o outro lado. Essa tirania por parte do personagem, contudo, pode ser analisada conforme seu comportamento em relação à ciência e à vida, ou seja, ele passa por cima de todos para conseguir seu mérito final: a criação de novos seres humanos.

Portanto, pela análise proposta, o romance *Oryx e Crake* (2004), de Margaret Atwood, pode ser considerado tanto de ficção científica quanto de ficção especulativa. Entre elementos característicos e pertinentes à utopia e à distopia, a tecnologia e a ciência, a sociedade em decadência e as catástrofes naturais, são todos tópicos condizentes a ambos os gêneros. Atwood utilizou-se do seu contexto contemporâneo para abrir uma especulação ao leitor em relação ao futuro da Terra se providências não forem tomadas. Evidência disso é o fato do enredo pós-apocalíptico transcorrer

em um futuro não muito distante, além de apresentar tecnologias e conhecimento científico que correspondem a muitas inovações que ocorrem na ciência e tecnologia do mundo referencial.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. *In other worlds: SF and the human imagination*. O.W.: Toad Ltd, 2011.

_____. *Oryx e Crake*. Trad. Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

BRODERICK, Damien. New wave and backwash: 1960-1980. In JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. *The Cambridge companion to science fiction*. United States of America. Cambridge University Press, New York, 2016.

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CLUTE, John. Science fiction from 1980 to the present. In JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. *The Cambridge companion to science fiction*. United States of America. Cambridge University Press, New York, 2016.

GADPAILLE, Michelle. Sci-fi, cli-fi or speculative fiction: *genre and discourse in Margaret Atwood's "Three Novels I Won't Write Soon"*. *Revije.ff.uni-lj.si/elope*, Vol. 15 (1), 17-28(138). DOI: 10.4312/elope.15.1.17-28. UDC: 821.111(71).09-311.9. University of Maribor, Slovenia, 2018. Disponível em: < <https://revije.ff.uni-lj.si/elope/article/view/7843>>. Acesso em 12/12/2019.

GILL, Russell B. The uses of genre and the classification of speculative fiction. *Mosaic: An Interdisciplinary Critical Journal*, Vol. 46, No. 2, pp. 71-85. Published by: University of Manitoba Stable, June 2013. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44030329>. Acesso em 29/07/2019.

HILDEBRAND, Laura. "Speculated communities": *the contemporary Canadian speculative fictions of Margaret Atwood, Nalo Hopkinson, and Larissa Lai*. Thesis submitted to the Faculty of Graduate and Postdoctoral Studies In partial fulfillment of the requirements For the MA in English Literature. Published Heritage Branch, Ottawa, Canada, 2012.

SLONCZEWSKI, Joan; LEVY, Michael. Science fiction and the life sciences. In JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. *The Cambridge companion to science fiction*. United States of America. Cambridge University Press, New York, 2016. p. 15-31.

URBANSKI, Heather. *Plagues, apocalypses and bug-eyed monsters: how speculative fiction shows us our nightmares*. Jefferson, NC: McFarland & Co., 2007.

Recebido em: 11/12/2019

Aceito em: 14/05/2020